

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

7 Nov 2015
18:00 Sala Suggia

-
À VOLTA DO
BARROCO
CICLO BARROCO BPI

Alexander Liebreich *direcção musical*

João Reis *narrador*

Jean-Philippe Clarac e

Olivier Deloeuil *encenação e instalação vídeo*

Christophe Pitoiset *desenho de luz*

Julien Roques *captação de imagens*

Luc Bourousse *dramaturgia*

Rui Vieira Nery *tradução dos excertos literários*

■
Joseph Haydn

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz (1786)

Duração aproximada: 90 minutos sem intervalo.



casa da música

MECENAS CICLO BARROCO

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA



APOIO À VOLTA DO BARROCO

APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz

Introduzione: Maestoso ed Adagio

Sonata I: Largo

Pater, dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt

Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem

Martin Luther King Jr., *Love in Action*

Simone Weil, *La Pesanteur et la Grâce*

Antonin Artaud, *Lettre ouverte au R. P. Laval*

Maurice Maeterlinck, *Douze chansons*

Georges Bernanos, *Sous le soleil de Satan*

Sonata II: Grave e cantabile

Amen dico tibi: hodie mecum eris in Paradiso

Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso

Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers

Joaquim Teixeira de Pascoaes, *As Sombras: "A Sombra da Vida"*

Leonard Cohen, *Book of Mercy: "Blessed Are You"*

John Henry Mackay, *Das starke Jahr: "Morgen!"*

Sonata III: Grave

Mulier, ecce filius tuus, et tu, ecce mater tua!

Mulher, eis o teu filho, e tu, eis a tua mãe!

Patti Smith, *Auguries of Innocence*

Sindiwe Magona, *Mother to Mother*

Ra'hel, *Flowers of Perhaps: "Tenderness"*

São João, 19:26-27

Simone Weil, *La Pesanteur et la Grâce*

Sonata IV: Largo

Eli, eli, lama sabachthani

Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

São Mateus, 27:46

Georges Bernanos, *Sous le Soleil de Satan*

Oscar Wilde, *The Ballad of Reading Gaol*

Sonata V: Adagio

Sitio

Tenho sede

Kahlil Gibran, *The Prophet*

São João, 19:28

Johann Wolfgang von Goethe, *Wilhelm Meisters Lehrjahre: "Nur wer die Sehnsucht kennt"*

Sonata VI: Lento

Consummatum est!

Está consumado!

Corão, XLII, 18

Leonard Cohen, *Book of Mercy: "In the Eyes of Men"*

Claude-Emma Debussy, *Carta a Raoul Bardac Bhagavati prajnaparamitahrdaya:*

O Coração da Perfeição da Sabedoria

Max Jacob, *Méditation sur le Paradis*

Sonata VII: Largo

Pater! In manus tuas commendo spiritum meum

Pai! Em tuas mãos entrego o meu espírito

Mikhail Bulgakov, *O Mestre e Margarida*

Richard Wagner, *Tannhäuser*

São Lucas, 23:46

Max Jacob, *Flagellation*

Joaquim Teixeira de Pascoaes e Raul

Brandão, *Jesus Cristo em Lisboa*

Il terremoto: Presto e con tutta la forza

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz

Concerto-meditação

Para *As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz*, Joseph Haydn pretendeu compor música que fosse imediatamente acessível e profundamente humana, “de tal forma que o ouvinte, mesmo o menos esclarecido, se sentisse emocionado no mais profundo da sua alma”... Eis então aqui alguns ouvintes, que descobrem a música de Haydn, como que presos na sua escuta, no coração de Jerusalém: Peregrinos da América Latina, reunidos à entrada do Santo Sepulcro; Rami, um monge ortodoxo etíope, sobre o tecto da sua igreja; Roni, uma jovem soldado israelita na Cidadela de David. Mas também Mohamed, estudante palestiano instalado em frente ao Domo da Rocha, e Bárbara, que passeia nos pátios do bairro judeu. Seguidamente, Simon e Noémie, no mercado Mahane Yehouda; Mathilde e Natacha, no Jardim de Getsémani. E finalmente Philippe e Kfir, num táxi estacionado no cimo do Monte das Oliveiras. Alguns ouvintes anónimos para a música de Haydn... anónimos como todos nós, reunidos neste momento nesta sala. Projectados no retábulo diante de nós, esses rostos de Jerusalém olham-nos, olhos nos olhos, ao mesmo tempo que ouvem exactamente a mesma música que nós. Ao lado deles, um Narrador acompanha-nos através da literatura inspirada pelas *Sete Últimas Palavras*. É um concerto. É uma meditação. É um concerto-meditação que volta a ligar, por intermédio do espaço e do tempo, os lugares históricos da Crucificação, a Jerusalém actual, as Sete Palavras e a universalidade da mensagem de Haydn, simplesmente dada a ler nestes rostos, imensos como paisagens.

JEAN-PHILIPPE CLARAC E OLIVIER DELOEUIL

Ecos

Se as últimas palavras de Cristo na cruz foram sendo gradualmente seleccionadas e reunidas num corpo autónomo, depois do século XVI inspiraram abundantemente os crentes, filósofos e artistas, alimentando as meditações de Max Jacob ou de Simone Weil, bem como a prosa febril de Bernanos. Pretendeu-se que o Narrador pudesse fazer ouvir destas palavras os ecos mais diversos, aqueles que ressoam noutros textos sagrados como o *Qur'ân* (Corão) e os *sutras* budistas, ou na poesia mística, de Ra'hel a Teixeira de Pascoaes, mas também aqueles que podemos ainda discernir em textos onde a sua ressonância pensávamos poder estar muito atenuada: por exemplo na *Encyclopédie* ou nas visões de Antonin Artaud. Através dos vários ecos, mais ou menos distintos, ou mais ou menos velados, a busca conduziu-nos do místico soufi Mansur al-Hallaj a Sra. Guyon, de Platão a Krasznahorkai, de Goethe a Sophia de Mello Breyner ou a Marilynne Robinson, de Racine e Corneille a Ding Ling e Zaib-un-Nissa Hamidullah, do *Livro egípcio dos mortos* ao *Kojiki*. Foi preciso escolher: não ouviremos as vozes de James Agee e de Naguib Mahfouz, de Claire de Duras ou de George Eliot, nem as de Jacques Rivière ou de Rumi; nem Edith Sitwell, nem Torga; nem Adah Isaacs Menken, nem Cortázar, nem as de muitos outros. Mas tentamos preservar a maior ressonância possível, fazendo cruzamentos entre séculos, entre Norte e Sul, entre Oriente e Ocidente, deixando a resposta ao político (os sermões de Martin Luther King Jr.) e às celebridades (Patti Smith, Leonard Cohen), à intimidade humilde e nua da carta de uma criança, onde a filha de Debussy relata a morte do seu pai. Quanto a Sindiwe Magona, o assassinato de

Amy Biehl em que ela se inspirou, e as suas repercussões, atestam que estas últimas palavras de Cristo e os temas que abordam (neste caso em particular, a primeira palavra, e o perdão) se tornam literalmente cruciais. Meditação e reflexão constituem-se, mais do que nunca, como o melhor caminho para as repostas às nossas interrogações, pessoais ou colectivas, fossem elas as mais urgentes.

LUC BOURROUSSE

Joseph Haydn

ROHRAU, 31 DE MARÇO DE 1732

VIENA, 31 DE MAIO DE 1809

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz, Hob: XX.1

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz é uma obra de características únicas na produção de Joseph Haydn, quer pelas particularidades da sua estrutura e fascinante invenção musical, quer pelo facto de subsistir em versões destinadas a formações diversas. Escrita originalmente em 1786, resultou de uma encomenda oriunda de Espanha, solicitada pela Hermandad de La Santa Cueva de Cádiz e destinada às cerimónias da Semana Santa. A encomenda de Cádiz requeria música puramente instrumental destinada a alternar com a leitura das sete breves frases pronunciadas por Jesus durante a crucificação e recolhidas nos Evangelhos. Conforme descreve o musicólogo Miguel Ángel Marín no capítulo dedicado às encomendas espanholas do seu livro *Joseph Haydn y el cuarteto de cuerda* (Alianza Musica, 2009), a obra destinava-se a ser interpretada na Sexta-feira Santa na cerimónia das Três Horas, uma tradição com origens em Lima nos finais

do século XVII, que reunia os devotos entre o meio-dia e as três da tarde para meditar sobre as derradeiras Palavras de Cristo. Foi o jesuíta de origem peruana Alonso Mesia Bedoya quem, nos inícios do século XVIII, começou a intercalar música nesta devoção, propagando o costume através de um livro impresso amplamente difundido em Espanha. A encomenda a Haydn foi financiada por José Saenz de Santamaría, marquês de Valde-Iñigo, um sacerdote de origem mexicana residente em Cádiz, tendo como intermediário Francisco de Paula María de Micón, marquês de Méritos.

A primeira audição realizou-se na Sexta-feira Santa de 1787 (dia 6 de Abril) no oratório de Santa Cueva, construído no interior de uma gruta por baixo da Igreja do Rosário (e não na Catedral de Cádiz, como por vezes se diz), sendo a obra apresentada pouco tempo depois em Viena e em Bona e objecto de ampla difusão europeia. A variedade de arranjos existentes é sintomática do seu sucesso. A versão inicial foi escrita para uma orquestra de reduzidas dimensões, mas ainda em 1787 surgiram dois arranjos na editora Artaria: um para quarteto de cordas realizado pelo próprio Haydn e outro para piano, feito por um músico anónimo, mas com a aprovação entusiástica do compositor. Em 1795, Haydn realizou ainda uma quarta versão, desta vez para coro, solistas e orquestra, que foi estreada em Viena e editada pela Breitkopf & Härtel em 1801, contando com a colaboração do Barão van Swieten na adaptação do texto. A obra deixou marcas também na vida musical espanhola, tendo estimulado a imaginação artística do compositor Francisco Javier García Fajer (1730-1809), que escreveu uma peça de características similares.

No prefácio da edição da versão vocal de Haydn, redigido por George August

Griesinger (1769-1845), biógrafo do compositor, fala-se do ambiente da primeira interpretação, referindo os panos pretos que cobriam as paredes, as janelas e os pilares da igreja, da grande lâmpada ao centro que quebrava a escuridão, e da sequência da cerimónia: “Após um Prelúdio apropriado, o bispo subia para a cátedra, pronunciava uma das Sete Palavras e comentava-a. A seguir descia da cátedra e situava-se à frente dela. Este intervalo de tempo era preenchido com música (...)”. O contexto devocional explica a peculiar organização da composição: uma sucessão de sete andamentos lentos, que deviam durar à volta de 10 minutos cada um e que Haydn fez preceder por uma introdução (*L’Introduzione. Maestoso ed Adagio*) e culminar com o único andamento rápido da obra: *Il terremoto. Presto e con tutta la forza*. Predominam as tonalidades de carácter escuro, sendo os sete andamentos lentos estruturados a partir do princípio da forma-sonata. Mais do que deleitar o ouvido ou o intelecto, a música devia estimular a imaginação devota dos fiéis, servindo de contraponto à mensagem espiritual. O discurso recorre a metáforas sonoras como o *pizzicato* na Sonata V (evocando as gotas de água relativas à Palavra “Tenho Sede”), enquanto no andamento final (*Il terremoto*) se recria o estremeamento da natureza com um *fortissimo* no momento do último suspiro de Cristo. Numa carta de 8 de Abril de 1787, dirigida ao seu editor londrino William Forster, Haydn refere que “cada Sonata, ou cada texto, é exprimido só pelos meios da música instrumental, de forma a criar a mais profunda impressão na alma do ouvinte.”

CRISTINA FERNANDES

Conteúdos do programa de sala gentilmente cedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian

Alexander Liebreich *direcção musical*

Alexander Liebreich tem sido aclamado pela imprensa pelo seu papel pioneiro entre uma nova geração de maestros. No Outono de 2012, iniciou a sua primeira temporada como maestro titular e director artístico da Orquestra Sinfónica da Radio Nacional Polaca – sendo o primeiro maestro estrangeiro a ocupar este cargo. Mantém-se desde 2006 como director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara de Munique. Desde então, para além dos prémios pela sua sonoridade e programação, o agrupamento tornou-se amplamente reconhecido não só em Munique mas também por toda a Europa e noutros continentes, apresentando-se nos maiores festivais internacionais e salas de concerto. Ao seu CD com obras de Joseph Haydn e Isang Yun, editado pela ECM em 2008 com a aclamação da crítica, seguiu-se em 2009 um CD de Bach com Hilary Hahn, Christine Schäfer e Matthias Goerne, pela Deutsche Grammophon. A gravação com aberturas de Rossini, editada em 2011, foi nomeada CD do mês pelo Fono Forum. Em 2013, a Sony Classics editou o *Requiem* de Mozart com Nuria Rial, Marie-Claude Chappuis, Christoph Prégardien, Franz-Josef Selig e o Coro da Rádio da Baviera.

Como maestro convidado, Alexander Liebreich trabalhou com orquestras de prestígio como a do Concertgebouw, Nacional da Bélgica, Sinfónicas da BBC, NHK e das Rádios de Berlim, Baviera e Estugarda, Auckland Philharmonia e Filarmónicas de Munique, da Rádio NDR, de Dresden, do Luxemburgo e de Osaka. Tocou com solistas destacados como Lisa Batiashvili, Claron McFadden, Frank Peter Zimmermann e Maxim Vengerov.

Recentemente dirigiu a Sinfónica Alemã de Berlim, a Sinfónica NHK e a Orquestra da Konzerthaus de Berlim durante uma grande tournée pela Grã-Bretanha.

Para além do seu trabalho em concerto e em ópera, Liebreich conquistou grande reputação pelos seus projectos inovadores. Em 2002 visitou as Coreias do Norte e do Sul com a Junge Deutsche Philharmonie, onde fez a estreia coreana da Sinfonia n.º 8 de Bruckner. Regressa regularmente à Coreia do Norte como Professor Convidado, em parceria com o Goethe Institute e DAAD (Serviço de Intercâmbio Académico da Alemanha). O documentário *Pyongyang Crescendo*, editado em DVD em 2005, é centrado na sua experiência de ensino naquele país. Em 2011 tornou-se o primeiro director artístico europeu do Festival Internacional de Música de Tongyeong, na Coreia do Sul, um dos festivais mais importantes da Ásia. Criou o “east-west-residence-programme”, que leva grandes artistas à Coreia do Sul.

Alexander Liebreich nasceu em Regensburg e estudou na Hochschule für Musik und Theater München e Salzburg Mozarteum. GANHOU muita da sua experiência inicial junto de Claudio Abbado e Michael Gielen. Depois de ganhar o Prémio de Direcção Kirill Kondraschin, foi nomeado assistente de Edo de Waart na Orquestra Filarmónica da Rádio Holandesa.

Em 2008, foi nomeado membro da Assembleia Geral do Goethe Institute, um grupo de personalidades da vida cultural alemã que aconselha o Conselho de Administração do instituto.

João Reis *narrador*

João Reis iniciou a sua carreira de actor em 1989. Realizou a sua formação no Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral (IFICT) e participou em *workshops* com Daniel Stein, Daniel Zerky, Polina Klimovitskaya e Lenard Petit, entre outros. No domínio do teatro, trabalhou com textos de Schnitzler, Shakespeare, Jarry, Ionesco, Genet, Fassbinder, Pessoa, Gil Vicente, Duras, Shawn, Stoppard, Corneille, Botho Strauss, Jacinto Pires, Eric Schmitt, Thomas Otway ou Alexandre O'Neill, tendo ao longo do seu percurso colaborado com vários encenadores portugueses e estrangeiros, incluindo Ricardo Pais, Nuno Carinhas, João Lourenço, José Wallenstein, Luís Miguel Cintra, Giorgio Corsetti, Jorge Lavelli ou Michel van der Aa, entre muitos outros. Além de Lisboa e Porto, actuou em Guimarães, Braga, Viseu, Aveiro, Guarda, Torres Novas e Faro e, pelo Teatro Nacional São João, apresentou-se em Roma, Reims, Madrid, Santiago de Compostela e São Paulo. No domínio do cinema, participou em filmes de João Canijo, Fernando Lopes, Rita Azevedo Gomes, Ruy Guerra, Manoel de Oliveira, Vicente Alves do Ó, Luís Filipe Rocha, Edgar Pêra, Tiago Guedes e Pedro Sena Nunes. Participou também em muitas séries e novelas realizadas para a televisão. Como actor e narrador, colaborou em concertos da Orquestra Metropolitana de Lisboa, da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e do Remix Ensemble. Ao longo da sua carreira, João Reis assinou também várias encenações: excertos das *Três Cartas da Memória das Índias*, de Al Berto, no Teatro Nacional São João (1999), *Transacções*, de David Williamson, no Teatro Maria Matos (2009), *E o que se há-de fazer*

a esta terra, a partir do “Sermão de Santo António aos peixes”, do padre António Vieira, no Festival das Artes em Coimbra (2013) e, já em 2015, *Portugal, Meu Remorso*, em parceria com Ana Nave, no Teatro São Luiz.

Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil *encenação e instalação vídeo*

Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil conheceram-se em Bordéus quando estudavam ciências políticas e história da arte. Em 2001, o maestro Yves Abel convidou-os a encenar *Les Pèlerins de la Mecque ou la Rencontre imprévue*, de C. W. Gluck, na Ópera Francesa de Nova Iorque. Entre 2005 e 2012, foram directores da Ópera Francesa de Nova Iorque, onde as suas criações se distinguiram pelos cruzamentos entre ópera, teatro, dança contemporânea e instalações de vídeo. Em 2009 fundaram em Bordéus o projecto Clarac-Deloeuil > le lab, laboratório no seio do qual realizam as suas criações que cruzam as várias disciplinas e definem um diálogo entre novas tecnologias, teatro e música. Como directores e encenadores, as suas produções incluem: *Harawi* de Messiaen (Opéra Comique); *Dialogues des Carmélites* de Poulenc e *La cenerentola* de Rossini (Ópera de Toulon); *Le Martyre de St. Sébastien* de Debussy (Cité de la Musique, Arsenal de Metz e Fundação Calouste Gulbenkian); *La Chute de la maison Usher*, também de Debussy (Ópera Nacional de Paris); *Roméo et Juliette* (Spoleto USA Festival) e *Faust* de Gounod (Ópera Nacional de Bordéus); *Les Contes d'Hoffmann* de Offenbach (Ópera de Angers Nantes); *Sinfonia Fantástica* e *Lélio* de Berlioz (com a Orchestre des Champs-Élysées); e *Manon Lescaut* de Auber (Festival de Ópera de Wexford).

Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil são professores do curso de “Ópera francesa, uma forma de arte política”, no Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po).

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas

salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
José Despujols
Roumiana Badeva
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Jorman Hernandez*
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*

Violino II

Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Vítor Teixeira
Lilit Davtyan
José Sentieiro
Germano Santos
Domingos Lopes

Viola

Pedro Muñoz*
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Emília Alves
Mateusz Stasto
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Hrant Yeranossyan
Bruno Cardoso
Michal Kiska

Contrabaixo

Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Jean Marc Faucher
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques*

Fagote

Robert Glassburner
Pedro Silva

Trompa

Bohdan Sebestik
Pedro Fernandes*
Eddy Tauber
André Maximino*

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Tímpanos

Paulo Oliveira

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOURAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPALUSTROTECERAMICOPORTO

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

